

Frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811) é bastante conhecido por seus estudos botânicos, especialmente pela elaboração da *Floræ Fluminensis*, e, nos últimos anos, também como diretor da Tipografia do Arco do Cego, em Lisboa (1799-1801). Além dessas funções, o frade franciscano exerceu diversas atividades a serviço do Estado, que revelam suas múltiplas habilidades e o importante papel político que exerceu junto à Corte de Lisboa.

Cientes da importância da vida e obra de frei Veloso para o entendimento da história luso-brasileira no final do período colonial, grupos de pesquisadores do Rio de Janeiro e São Paulo organizaram dois seminários e uma exposição em 2011 para relembrar os duzentos anos da morte do célebre franciscano e naturalista. Os seminários foram realizados na Pinacoteca do Estado de São Paulo e no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e contaram com a participação de pesquisadores dedicados à investigação das múltiplas atuações de frei Veloso. Este livro apresenta os resultados desses eventos, que divulgaram as diversas facetas do personagem, reveladas em diálogos interdisciplinares de pesquisadores estrangeiros e brasileiros que se dedicam ao entendimento das políticas econômicas e sociais associadas às artes, às ciências e à história editorial no período.

Em setembro de 2011, a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, em associação com a Pinacoteca do Estado de São Paulo, promoveu o seminário e a exposição Frei Veloso e a Tipografia do Arco

do Cego. A preparação para os eventos, com coordenação do professor Pedro Puntoni, se consolidou pela articulação de um grupo comprometido com a investigação e a divulgação de um conjunto de obras pouco conhecidas do público. Destacamos a atuação da comissão científica formada pelas professoras Ana Paula Megiani, Ermelinda Pataca, Iris Kantor e Maria Clara Paixão de Sousa, que participaram da organização do seminário e sua execução com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). A exposição contou com o financiamento da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e ocorreu de forma articulada ao seminário, com curadoria de Cristina Antunes e Ermelinda Pataca, concretizando-se no projeto expográfico de Sérgio Pizoli. Paralelamente à organização dos eventos, bibliotecários e alunos bolsistas digitalizaram livros, criaram metadados e incorporaram as obras à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital, ampliando o acesso aos livros raros.

Os dois séculos passados desde a morte de frei Veloso também foram lembrados com a realização de um seminário no Rio de Janeiro, cidade onde o franciscano passou os últimos anos de sua vida e está sepultado. No Rio, o seminário foi organizado por Alda Heizer, da Escola Nacional de Botânica Tropical, ligada ao Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que colaborou com Fernando J. Luna, da Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf), sediada em Campos dos Goytacazes. Dentre os membros da comissão científica, estavam Begonha Bediaga, Heloisa Gesteira, Iris Kantor, Lorelai B. Kury, Lucia Paschoal Guimarães, Magali Romero Sá e Nadja Paraense dos Santos. É preciso destacar a vigorosa atuação da professora Simonne Teixeira, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Naturais da Uenf. O evento, intitulado *O Botânico Frei Veloso (1742-1811), Letras e Ciências entre Brasil e Portugal*, recebeu o financiamento indispensável da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e da Uenf.

Pensando na complexidade biográfica de frei Veloso, que atuou em áreas tão distintas, as comissões organizadoras dos seminários optaram por compor mesas com historiadores de diferentes áreas, desvelando assim múltiplas facetas do personagem. Este livro contém os textos dos dois seminários e optamos por apresentá-los em quatro grupos temáticos, que aproximam os diálogos entre os autores. Na primeira parte, tratamos do contexto histórico e social, demarcando a complementaridade entre as políticas econômicas e a

formação da elite ilustrada luso-brasileira. Em um segundo momento, pensamos na atuação de frei Veloso nas ciências e no fomento às artes, demarcando aproximações entre a história da arte e a história da ciência. Em seguida, desvelamos o perfil do frei Veloso editor, especialmente por meio da criação da Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, e debatemos a história do livro e da imprensa. Por fim, abordaremos a circulação dos saberes na atuação de Veloso como tradutor e mediador cultural.

15

Introdução

PARTE I: FREI VELOSO E SEU TEMPO

A associação entre os projetos políticos e a formação e atuação da elite ilustrada luso-brasileira a partir a segunda metade do século XVIII tem sido abordada, desde os anos 1960, por historiadores interessados nos projetos reformistas do final do Antigo Regime português. Os discursos científicos tornaram-se objetos de discussão da história social e econômica, que buscam compreender os projetos coloniais que proclamavam o pragmatismo por meio da aplicação do conhecimento sobre os recursos naturais para o desenvolvimento tecnológico utilizado na expansão da produção agrícola e mineral. As análises críticas a esse discurso também encontraram eco na historiografia das ciências, que, desde a década de 1980, trazem novos olhares para o período colonial, problematizando a questão da simples transferência de conhecimento da Europa para a Colônia. Os trabalhos apresentados na primeira parte deste livro apresentam novas discussões sobre os discursos técnico-científicos do período.

*Ermelinda
Moutinho Pataca
& Fernando
José Luna*

Diogo Ramada Curto rediscute as dimensões políticas do Império português analisando a relação entre Europa e o mundo colonizado a partir de uma remessa de livros sobre agricultura enviada para Angola. De um lado, a política ilustrada portuguesa pretendia implementar reformas modernizadoras com a transferência da racionalidade iluminista europeia, expressa nos livros da Tipografia do Arco do Cego que eram enviados para as colônias. Por outro lado, a manifestação contrária às teorias e práticas que se buscava implementar, assim como a pequena circulação dos livros na África, demonstram as inadequações das generalizações pretendidas pelo projeto imperial. Os aparatos gráficos e visuais dos livros, elaborados por autores cujas origens, atividades e projetos modernizadores são ligados ao Brasil, não retratam a realidade angolana, o que desenha

novas dimensões nas políticas imperiais e coloniais. O texto nos traz, então, discussões sobre os sentidos do Império português, que ultrapassam as dimensões das relações luso-brasileiras e se materializam na circulação de saberes entre América, África, Ásia e Europa.

O contexto revolucionário do final do século XVIII, associado a aspectos internos da Monarquia, guiaram a análise da legalidade, da inserção administrativa e do sentido político-estratégico das publicações portuguesas durante a gestão de dom Rodrigo de Sousa Coutinho como ministro da Marinha e Domínios Ultramarinos entre 1796 e 1806. Luiz Carlos Villalta analisa a história da Tipografia do Arco do Cego e de suas edições na transição entre os séculos XVIII e XIX, relacionando-as com iniciativas régias que objetivavam o fortalecimento da Monarquia pela defesa do Antigo Regime. A relação entre as esferas políticas e os projetos editoriais da Tipografia do Arco do Cego se consolidava nas disputas entre os oficiais superiores da Coroa, especificamente Pina Manique, intendente-geral da Polícia de Lisboa, e frei Veloso.

Em um texto provocante, Magnus Roberto de Mello Pereira tece surpreendentes conexões entre os esforços empreendidos pela Coroa portuguesa para expandir a produção de salitre (insumo essencial para a fabricação de pólvora) e a rede de intelectuais formada principalmente por brasileiros que estudaram filosofia natural (física, química, mineralogia etc.) na Universidade de Coimbra, e que foram em seguida recrutados por dom Rodrigo de Sousa Coutinho para pôr em prática a política de exploração dos recursos naturais das colônias. O professor Magnus torna explícita a posição ancilar de frei Veloso na política de desenvolvimento das colônias, retirando o protagonismo que a historiografia, mesmo a mais recente, insiste em conferir ao frade franciscano. De acordo com sua bem-fundamentada argumentação, Veloso era, de fato, imprescindível para as políticas desenvolvimentistas de dom Rodrigo. Entretanto, o ministro mantinha um controle minucioso do empreendimento editorial dirigido pela Tipografia do Arco do Cego e chegava a sugerir especificamente quais assuntos deveriam merecer atenção de Veloso por meio da publicação de um livro ou panfleto.

As complexas redes de relações políticas e científicas no período trazem ao debate os interlocutores coloniais envolvidos nos projetos reformistas. A associação do sobrenome Veloso ao frei José Mariano ofuscou durante determinado período a produção científica de outro naturalista e religioso mineiro: Joaquim Veloso de Miranda. Em

seu texto, Caio César Boschi traz novos elementos esclarecedores da atuação deste em Minas Gerais, em associação intrínseca com a política administrativa. As singularidades do personagem se materializaram em sua ampla atuação como viajante em Minas Gerais, na criação do Jardim Botânico em Vila Rica e na experimentação para o desenvolvimento de novos produtos que pudessem ser fabricados na Colônia, como o salitre, o papel e alguns gêneros agrícolas, práticas determinadas por dom Rodrigo em estreita associação com suas políticas econômicas.

PARTE II: FREI VELOSO E SUA OBRA

A política econômica do período esteve intimamente associada à elaboração de viagens, ao desenvolvimento da história natural e à criação de novas práticas científicas. As representações resultantes desse processo nos revelam a criação de novas técnicas e o desenvolvimento de uma cultura visual para a observação da natureza e do território colonial.

Até recentemente, a história das ciências analisava apenas a atuação dos naturalistas nas viagens e a produção de referenciais teóricos em suas publicações. Nos últimos anos, as pesquisas sobre a ilustração luso-brasileira estão aprofundando as relações entre estudos científicos e o desenvolvimento das artes na formação de uma comunidade de naturalistas, engenheiros e artistas. Nessa perspectiva, desde a década de 1990, historiadores das ciências se aproximaram dos debates na história das artes sobre a produção e a utilização de imagens durante as atividades científicas. No sentido oposto, os historiadores das artes ampliaram seu campo de estudo e passaram a analisar objetos como desenhos científicos, gravuras e mapas, que não eram considerados obras de arte. As fronteiras entre áreas que se apresentavam distintas se tornaram mais maleáveis e permeáveis a diálogos, abrindo novas perspectivas de análise. A história natural passou a ser considerada em relação às práticas, técnicas e representações, possibilitando a inclusão de objetos de pesquisa antes ignorados pela historiografia tradicional, como a produção de imagens, os projetos editoriais, a circulação do conhecimento, os espaços institucionais, as relações políticas e os locais de produção dos saberes. Como resultado desse processo, as análises incorporaram a atuação dos demais viajantes, especialmente dos artistas envolvidos na práti-

*Ermelinda
Moutinho Pataca
& Fernando
José Luna*

ca do desenho, do urbanismo e da cartografia das viagens, o que conduziu a questionamentos sobre a formação dos engenheiros militares em Portugal e às relações entre o conhecimento técnico, artístico e científico durante a formação e a atuação dos viajantes.

Ermelinda Moutinho Pataca demarcou o perfil de frei Veloso como naturalista viajante no período dos quarenta anos iniciais que o franciscano permaneceu no Brasil, desde seu nascimento em 1741 até o final da Expedição Botânica em 1790. No exercício das viagens, o naturalista criou práticas que revelam a inovação técnica nas atividades científicas coloniais, desde a taxidermia de peixes e borboletas até o desenvolvimento de embalagens para o envio de coleções de história natural. Além disso, vale destacar a criação de metodologias de exploração territorial que foram incorporadas posteriormente ao instrumental das viagens científicas despachadas para as colônias nos períodos seguintes e que aparecem na correspondência de Veloso com outros naturalistas, como Manuel Arruda Câmara, ou nas instruções de viagens e manuais sobre história natural editados na Tipografia do Arco do Cego.

A composição da Expedição Botânica, assim como do conjunto das Viagens Filosóficas, se relaciona com a necessidade de práticas e saberes específicos para o cotidiano das viagens, como a preparação de coleções de história natural, a compilação de informações, o desenho e o mapeamento do território, condicionando a seleção do corpo técnico e científico das expedições. O estudo das práticas desses profissionais nos traz elementos importantes para a compreensão de sua formação. Apesar de já haver uma divisão do trabalho nas Viagens Filosóficas, na prática de campo os viajantes exerceram múltiplas funções dependendo das condições vivenciadas nas viagens, gerando um espaço propício para a convergência entre arte, ciência e técnica.

Os artistas empregados na maioria das Viagens Filosóficas tinham formação em engenharia militar, configurando uma aproximação das artes com a tradição técnica. Dentre as atribuições de um engenheiro no século XVIII, a habilidade de desenhar era essencial, especialmente para cartografia, urbanização, arquitetura e projeção de máquinas. Na introdução das ciências naturais em Portugal, os engenheiros eram os mais habilitados para desenhos de botânica e zoologia, que deveriam ter a maior fidelidade possível. A formação dos desenhistas que acompanharam as viagens foi assinalada pelo advento da industrialização na Europa, intensificando o caráter técnico do ensino artístico. Formadas sob caráter oficial, as aulas mi-

litares e de desenho nos revelam uma relação entre mestre e aprendiz fundamentada especialmente na prática pictórica.

As relações entre as investigações em história natural, o reconhecimento territorial, a cartografia e a urbanização se consolidaram na Expedição Botânica a partir da participação de engenheiros militares, que exerceram a função de desenhistas na viagem e, simultaneamente, participaram dos trabalhos nas Comissões de Demarcação de Fronteiras. Esses engenheiros se formaram no Rio de Janeiro, tendo como mestre Antônio Joaquim de Oliveira, que ministrava aulas de arquitetura e desenho. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno aborda alguns aspectos sobre a formação dos engenheiros que participaram da Expedição Botânica, explicitando a importância do conhecimento da matemática. A autora descreve em detalhes as técnicas desenvolvidas pelos engenheiros em sua atuação em campo e a aplicação dos conhecimentos em gabinete, com conversão dos dados em representações matemáticas bastante complexas, em uma síntese entre geometria, aritmética e álgebra.

Ao final da Expedição Botânica, em 1790, frei Veloso acompanhou Luís de Vasconcelos e Sousa até Lisboa para a publicação da *Floræ Fluminensis*, obra na qual foram descritas e desenhadas cerca de 1400 espécies botânicas. O texto de Miguel Figueira Faria contribui para o esclarecimento da atuação de frei Veloso desde que chegou em Lisboa até a fundação da Tipografia do Arco do Cego em 1799, período pouco abordado devido à escassez de fontes. O autor apresenta alguns documentos inéditos ao defender sua hipótese de que a criação da Tipografia do Arco do Cego estaria associada à publicação da *Floræ Fluminensis*, reforçando a associação entre a cultura impressa e o exercício da história natural. O requerimento enviado a dom Rodrigo de Sousa Coutinho, escrito pelo próprio Veloso, constitui um importante registro autobiográfico, esclarecendo alguns aspectos essenciais sobre sua atuação em São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa.

A trajetória singular da vida de frei Veloso é recontada e contextualizada por Carlos Alberto Lombardi Filgueiras em um ensaio em que discorre sobre a marcante influência sobre Veloso dos princípios da fisiocracia, doutrina econômica que defende que a riqueza das nações deriva unicamente do cultivo das terras agrícolas e dos produtos que delas podem ser extraídos. Citando abundantemente as principais referências sobre a vida e a obra de Veloso, tanto as clássicas como as mais recentes, Filgueiras traça também as dificuldades pelas quais o franciscano passou e as críticas endereçadas a ele, especial-

mente em relação à preparação e à publicação de sua obra maior, a *Floræ Fluminensis*, produzida a partir de uma viagem científica entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo no final do século XVIII.

Alguns aspectos do debate científico que se desenrolava em Pernambuco na primeira década do século XIX encontram-se no capítulo escrito por Argus Vasconcelos de Almeida, Francisco de Oliveira Magalhães e Cláudio Augusto Gomes da Câmara. Os autores examinam o trabalho de frei José da Costa Azevedo e discorrem sobre o ensino das ciências naturais no Seminário de Olinda e sobre a criação do Jardim Botânico de Olinda. Construído segundo os princípios de Manuel Arruda da Câmara, naturalista paraibano cuja obra era inspirada e orientada pelo trabalho de Veloso, o sítio do Jardim foi descaracterizado, mas ainda resiste, passados mais de duzentos anos. Já a *Dissertação Chimica* de frei José da Costa Azevedo, manuscrito examinado pelos autores em sua contribuição para este livro, traz indicações sobre os assuntos que eram tratados nos cursos do Seminário de Olinda e mostra um resultado prático do que se podia aprender no início do século XIX.

PARTE III: TIPOGRAFIA CALCOGRÁFICA, TIPOPLÁSTICA E LITERÁRIA DO ARCO DO CEGO

Os debates sobre a atuação editorial de frei Veloso começaram com mais fôlego em 1999, quando foi comemorado o bicentenário de criação da Casa Literária do Arco do Cego. Na ocasião, foram realizados um seminário e uma exposição na Biblioteca Nacional de Lisboa, cujos resultados foram publicados em catálogo, com textos que fundamentavam o projeto e esclareciam sobre o contexto político e econômico do período, trazendo novos elementos para a compreensão da biografia de frei Veloso, ampliando as discussões sobre arte e ciência, especialmente sobre o desenho científico e a gravura no projeto editorial.

Naquela época, Margarida Ortigão Ramos Paes Leme iniciou uma investigação sobre a história da Casa Literária do Arco do Cego com foco na edição das obras, apresentando um balanço das publicações entre 1799 e 1801. Em continuidade à pesquisa, ela agora apresenta novos dados decorrentes da descoberta de documentos no Arquivo da Imprensa Nacional e na Casa da Moeda em Lisboa. Trata-se de um inventário de 23 de fevereiro de 1802 sobre a “Livraria do Padre Vellozo”, transcrito junto ao texto da pesquisadora. O documento

relaciona 245 títulos de obras adquiridas por frei Veloso para a constituição da biblioteca da casa impressora e que esclarecem os planos editoriais da Arco do Cego, pois muitos deles foram ali traduzidos e publicados. As análises estatísticas realizadas pela pesquisadora demonstram os dados sobre a língua, o período e os assuntos tratados na coleção inventariada. Além de revelar os planos editoriais e as traduções realizadas por Veloso, o documento demonstra a constituição inicial da biblioteca da Imprensa Régia em Lisboa, o que é de grande interesse para a história da imprensa.

Do conjunto das múltiplas funções da Casa Literária do Arco do Cego, Edna Lúcia Cunha Lima analisou a função tipoplástica da casa impressora, ou seja, a sua fabricação de tipos móveis. Tal função provavelmente foi agregada após a constituição do estabelecimento, pois a mudança no seu nome foi introduzida somente em 1801, quando passou a ser designada como Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego. O artigo mostra o caráter oficial do desenvolvimento das artes gráficas em Portugal por meio das experiências com a fundição e o desenho técnico utilizados para o *design* dos tipos móveis.

A experiência com a tipografia e a utilização de tipos móveis na Casa Literária do Arco do Cego foi analisada por Priscila Lena Farias. O uso do til como sinal diacrítico ocorre em poucas línguas, como o português e o espanhol, e indica singularidades e idiosincrasias difundidas entre criadores e utilizadores de tipos (cortadores, fundidores, tipógrafos, editores, leitores). O artigo contribui para a compreensão da tipografia e revela tanto aspectos do ponto de vista tecnológico e prático como aspectos culturais e sociais.

PARTE IV: MEDIAÇÕES E CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTO

“Sem livros não há instrução”: essa máxima de Veloso sintetiza seu interesse pela educação e seu papel como mediador com múltiplas habilidades científicas, literárias e editoriais. A mediação foi a tônica em seus circuitos de sociabilidade letrada e popular, assim como mobilizou os círculos de poder entre metrópole e colônias. A circulação do conhecimento se expandiu em vários níveis. Frei Veloso passou sua experiência para os textos, aproximou ciências e artes e incorporou o conhecimento europeu ao mundo português.

O frei Veloso tradutor possibilitou uma mediação entre o conhecimento europeu e a cultura científica portuguesa em um período de

grandes transformações políticas. Alessandra Ramos de Oliveira Harden se concentra na análise dos títulos e prefácios de obras publicadas na Tipografia do Arco do Cego, avaliando o rompimento das barreiras linguísticas que possibilitaram ao mundo luso-brasileiro novas formas de manter contato com culturas estrangeiras, expressas em elementos de sistemas nacionais, culturais e linguísticos, utilizados por frei Veloso para convocar o leitor à leitura, como nos títulos dos livros.

O intenso fluxo de informação científica entre a Europa e a América durante o período do Iluminismo tardio também é abordado por Fernando José Luna em um estudo de caso. O conhecimento sobre a carqueja (*Baccharis trimera*), planta medicinal nativa da América do Sul, viajou pelo menos duas vezes entre os dois lados do Atlântico, em uma jornada de ida e volta que durou aproximadamente meio século. Inicialmente, o conhecimento sobre essa planta medicinal cruzou o Atlântico em direção à Europa na forma de um espécime botânico coletado na América espanhola durante a expedição de Charles Marie de La Condamine, que ocorreu entre 1735-1744. Essa exsicata chegou às mãos de um botânico inglês, que publicou em uma revista de uma sociedade científica londrina um artigo com sua descrição botânica e uma ilustração mostrando as características principais da planta. O artigo logo foi lido por frei Veloso e citado em *Quinografia Portuguesa*, no qual discordou da identidade da planta e fez as correções devidas. Em seguida, essas informações, já retificadas por Veloso, fizeram a viagem de volta para a América do Sul na forma de uma descrição botânica precisa, juntamente com duas ilustrações publicadas na *Quinografia Portuguesa*, cujo objetivo era disseminar informações utilitárias para os colonos que se estabeleciam no Brasil.

Sintetizando a diversidade de enfoques dos dois seminários, Neil Safier mostra várias imagens que surgiram ao longo da vida de frei Veloso e estão reveladas nos prefácios dos livros publicados na Casa Literária do Arco do Cego. A análise recai especialmente na atuação do personagem como mediador, que se concretizou por meio da escrita, da tradução e do intercâmbio de informações entre o franciscano e os jovens brasileiros designados a investigações de história natural. Nas palavras do autor, Veloso atuou como um “intérprete da sabedoria alheia”, inserido em um contexto mais amplo de grandes fluxos de mercadorias que atravessaram o Atlântico, materializados na conexão entre a história natural e o programa político da Coroa portuguesa.